

A partir de meados do século XIX, os sons da retirada do ouro passaram por substantivas alterações, com introdução de equipamento industrial movido a vapor e, posteriormente, a eletricidade. Em paralelo, outras sonoridades continuavam a ecoar na região, inclusive com maior intensidade. Nos sítios mais abastados costumavam existir olarias e fornos, nos quais o barro era moldado em telhas, cabaças, vasilhas... Os teares locais produziam grossos panos de algodão, tornando-se progressivamente mecanizados, enquanto passavam a ser vendidas as primeiras máquinas de costura; paralelamente, as pequenas forjas supriam as necessidades de peças de ferro (UFMG/ICOMOS, 2019, p. 45). E lembremos que grande parte desse trabalho era promovido por mão de obra escravizada, sobretudo africana e afro-descendente (CRESPO, 2015, p. 126).

As últimas décadas do século XIX trouxeram várias inovações para a região circunvizinha ao meu curso, acompanhadas por ruidosas sonoridades. Um dos assuntos de maior repercussão foi a fundação, em 1888, do ramal da Estrada de Ferro D. Pedro II, que construído entre a estação situada no distrito de Miguel Burnier e a cidade de Ouro Preto, permitia a ligação da capital da Província ao Rio de Janeiro. Esta via diminuiu o tempo de percurso para um único dia, além de eliminação dos riscos à vida e aos bens que acompanhavam os viajantes em seu deslocamento através das serras e rios (MANTOVANI, 2007, p. 129). Também as notícias circulavam muito mais rapidamente, com os jornais e revistas trazidos da capital do Império.

Outra acústica da modernidade foi introduzida em Minas pela implementação da rede de telégrafo, que veio somar-se ao antigo serviço de correio. A primeira transmissão por telégrafo no

mundo ocorreu em 1844, nos Estados Unidos. No Brasil, as comunicações foram iniciadas em 1852, mas chegaram na província mineira apenas tempos depois, através de companhias privadas. A nova tecnologia permitia a emissão de mensagens de forma instantânea, através de sinais elétricos que combinavam pontos e traços, representando as letras do alfabeto – o chamado Código Morse.

As mudanças no setor econômico foram acompanhadas pela implantação da República e seguidas pela transferência da capital de Minas para o antigo arraial de Curral Del-Rei, depois denominado cidade de Belo Horizonte. Tais alterações traduziam a recomposição política mineira, com redução do peso da antiga elite da zona central, ligada à extração do ouro, e ampliação daquele das lideranças do Sul e da Mata. Em termos simbólicos, Ouro Preto era apresentado como expressão de uma era agitada e turbulenta, então inviabilizada quer pela crise da mineração, quer por um urbanismo de ruas estreitas e ladeiras íngremes.

Entrelaçando-se ao mundo da produção econômica e das mudanças políticas, diversas práticas celebrativas eram promovidas nos povoados situados ao longo do meu leito, realizadas geralmente por ocasião de acontecimentos sociais (como aniversários, batizados, casamentos) e dos eventos do calendário religioso. Nessas festas, eram muito apreciadas eram as contradanças e as quadrilhas, bem como as valsas, as polcas, as mazurcas e o schottish, todos gêneros musicais trazidos da Europa. Já dentre as peças tocadas e cantadas, a



preferência recaía, ao menos nos salões mais elitizados, sobre as modinhas, canções de estilo lírico, que assim diferiam dos também estimados lundus, uma mescla do fandango ibérico com ritmos afro-descendentes, portadores de letras alegres, engraçadas e maliciosas (VIANA, 2011, p. 45; NAPOLITANO, 2002). Já nos festejos populares, volta e meia era tocada a “arromba”, um tipo de dança que ficou na memória local através da expressão “festa de arromba” (BUDASZ, s. d.). E vez por outra, tais comemorações culminavam nas minhas margens numa mescla de paixões intensificadas pela música, pelas bebidas e pelo desejo de viver, apesar de um sistema social tão injusto.



G U A L A X O
V I V O

HISTÓRIAS ATRAVÉS DE SONS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BUDASZ, Rogério. *O Triângulo Atlântico: sons da Ibéria, África e Brasil durante o período colonial*. s. d. Disponível em: <http://www.rem.ufpr.br/banza/sonora/triangulo.html>. Acesso em: 19 out. 2019.

CRESPINO, Jeanne Cristina Menezes. *Das “Minas” e suas serras: Narrativas de construção das paisagens da mineração no Quadrilátero Ferrífero (MG)*. 2015. 277f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MANTOVANI, André Luiz. *Melhorar para não mudar: ferrovia, intervenções urbanas e seu impacto social em Ouro Preto-MG, 1885-1897*. 2007. 185f. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. *História & Música*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

UFMG/ICOMOS. *Dossiê de tombamento de Bento Rodrigues*. Belo Horizonte, maio 2019. Disponível em: <http://patrimoniocultural.blog.br/wp-content/uploads/2019/06/DOSSIE-BENTO-ICOMOS-2019.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2019.

VIANA, Fábio Henrique. *A paisagem sonora de Vila Rica e a música barroca das Minas Gerais (1711-1822)*. Tese (Doutorado em História). 2011. 203f. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

